

EMERY LORD

QUERIA QUE VOCÊ ME VISSE

Tradução

LÍGIA AZEVEDO

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Emery Lord
Tradução publicada mediante acordo com Toryn Fagerness Agency e Sandra Bruna
Agência Literária, SL.
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL *When We Collided*

CAPA Joana Figueiredo

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Bárbara Malagoli

PREPARAÇÃO Antonio Castro

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lord, Emery

Queria que você me visse / Emery Lord ; tradução Lígia Azevedo.
— 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

Título original: *When We Collided*.
ISBN 978-85-5534-059-8

1. Ficção juvenil 2. Romance norte-americano I. Título.

17-11185

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

Para minha família, que continua navegando

1

VIVI

EU SABIA QUE ESTAVA APAIXONADA por Verona Cove desde o primeiro dia, mas esperei até o sétimo para me comprometer. Depois de uma semana aqui, estou entalhando meu nome numa árvore bem no meio da cidade. Forçar um canivete contra uma casca velha é bem mais difícil do que você poderia imaginar. Levei horas para entalhar catorze letras, ou pelo menos foi o que pareceu. Felizmente, ninguém patrulha o parque Irving — ou qualquer outro lugar, na verdade — antes do nascer do sol. Tenho quase certeza de que o pior crime que já aconteceu em Verona Cove foi alguém derrubando um guardanapo no chão. Aposto que a pessoa tentou pegá-lo, mas o vento o levou e o transformou em lixo.

Além disso, eu até gostaria de ser flagrada — o que é óbvio, já que estou me entregando nas linhas irregulares que

ficarão para sempre em uma árvore mais velha que os três mil e cinquenta e um habitantes dessa cidade: *Vivi esteve aqui*.

Quando termino, passo a mão pelo meu trabalho, porque, tudo bem, posso ter vandalizado a natureza, mas esse é um crime passional. Sei que o parque não se importa. Amo este lugar, e acho que até a grama bem cortada e os bancos com dedicatórias podem perceber isso.

Caminho para fora do parque, só agora percebo que estou atrasada. O sol da manhã já ultrapassou a linha do horizonte, formando uma espécie de renda na calçada com as sombras das folhas. Flores desabrocham em cada centímetro da cidade — rosas fúcsias se arrastando por treliças, sinos-dourados ar-dendo como fogos de artifício. Enquanto caminho, as árvores se despem sobre mim, derrubando pétalas de um cor-de-rosa pálido, como num show burlesco.

É por isso que quero ficar aqui para sempre, não só durante o verão. Por enquanto estou apostando no argumento de que Verona Cove faz o Havaí parecer um monte de lixo flutuante para convencer minha mãe. Quer dizer, tecnicamente falando, nem conheço o Havaí, mas já vi fotos. E Verona Cove é uma dessas cidadezinhas que você esperaria encontrar no litoral de Massachusetts ou da Carolina do Norte, mas que fica escondida em um pequeno entalhe na costa curva da Califórnia. Já morei em várias cidades, então pode acreditar quando digo que Verona Cove não é como as outras. É uma mistura de Mayberry com floresta tropical e Shangri-La. Cada detalhe é tão perfeito que parece um cenário de filme. Quero passar as mãos pelas telhas pintadas, pelas caixas de correio antigas,

pelos postes de luz que mais parecem uma sequência de luas brancas. Tudo sempre está limpo, mas não de um jeito antigo. É como se cada centímetro daqui estivesse vivo e fosse amado.

O centro comercial tem três metros quadrados, cortados pela avenida principal. Toda manhã, passo por um restaurante bonito com parede de tijolinhos, uma loja de ferramentas e uma livraria. Mas meu destino é um estabelecimento cuja placa tem um sanduíche desenhado e o nome LANCHONETE DA BETTY escrito em giz com uma caligrafia bonita. Abaixo, em letras maiúsculas cor-de-rosa, vem: MELHOR CAFÉ DA MANHÃ SEGUNDO O *DAILY GAZETTE*, seguido do cardápio matinal e do almoço. O Café Cove expõe um certificado parecido na vitrine: MELHOR CAFÉ SEGUNDO O *DAILY GAZETTE*. Só tem um estabelecimento de cada tipo em Verona Cove — uma farmácia, um mercado, uma papelaria —, então automaticamente todos são os melhores, mas adoro como se dão ao trabalho de honrar cada contribuição.

O sino toca quando entro. Sinto o cheiro de panqueca, café e salsicha. Venho aqui todos os dias às sete, já que a animação de estar em uma nova cidade tem me tirado da cama cedo e nenhum outro lugar está aberto a essa hora.

Como cheguei um pouco mais tarde, o lugar já está lotado de velhinhos — cabeças com cabelos brancos pairando como nuvens sobre os bancos de vinil azul-piscina.

A própria Betty está no caixa, apertando botões da máquina registradora.

— Oi, docinho. Um segundo.

Acho que ela tem dados com palavras como “fofa”, “que-

rida” e “docinho” dentro da cabeça. A cada cliente que entra, Betty joga um ou dois dados e chega a uma palavra ou expressão: *minha linda, coisa fofa, meu bem*. Gosto de ouvir quem eu sou a cada dia. É como pegar um biscoito da sorte no meu restaurante chinês favorito: não vou até lá para isso, mas torna a experiência ainda melhor.

Betty deixa o balcão e atravessa a lanchonete lotada.

— Talvez demore um minutinho para liberar uma mesa.

Mas já achei um lugar, com um senhor usando uma malha fina.

— Tudo bem, posso sentar com o policial Hayashi.

Ela me encara como se eu tivesse acabado de dizer “Vou domar um tigre e deixar que ele me sirva panquecas na boca”.

— Ah, querida, ele prefere ficar sozinho pela manhã. E pelo resto do dia também.

— Não tem problema.

Sorriso porque sei algo que Betty não sabe: o policial Hayashi é um cara legal.

Na minha terceira manhã na cidade, quando estava a caminho da lanchonete, vi um pastor-alemão — com as orelhas levantadas e o focinho pronunciado — sentado na traseira de um carro de polícia.

— Por que será que te prenderam, hein? — perguntei pelo vidro aberto. O cachorro me olhou, todo orgulhoso de si, procurando manter a postura estoica que seu trabalho exigia. — Não pode ser tentativa de agressão ou coisa do tipo, você é bonzinho demais pra isso, dá pra ver. Tráfico? Não, não faz muito seu tipo. Já sei! Aposto que roubo. O que foi? Uma piz-

za inteira da mesa? Um bolo de aniversário de uma criança? Você tem cara de quem gosta de doce.

O rabo comprido dele balançava sobre o assento.

— Asinhas de frango com molho — disse uma voz baixa atrás de mim. — É a fraqueza dela.

Uma cachorra. Me senti idiota por ter imaginado o contrário. E, claro, ela estava balançando o rabo diante da visão do parceiro — um homem de cabelo branco vestindo o uniforme azul-marinho da polícia. Quando ele se aproximou, li o nome no distintivo prateado: Hayashi.

— Mas não foi presa. *Ainda.*

Ele tomou um gole do café que segurava.

— Ah, sei que ela está trabalhando — eu disse. — Só estava brincando. Não deu pra resistir. Sou louca por cachorros, e ela é maravilhosa. Dá pra ver.

— É, Babs é uma boa garota.

— Babs? — perguntei, animada. Que nome para uma cadela policial! Todos os machos de pastor-alemão que eu conhecia chamavam Rex, Maverick ou Ace.

— Kubaba, na verdade.

Era ainda mais ridículo, mas fiz um esforço para não mostrar reação.

— Muito prazer, Kubaba — eu disse à cachorra, então estendi a mão para seu parceiro. — Meu nome é Vivi, aliás.

Ele a apertou.

— Você é uma cidadã obediente à lei?

— Nunca fui presa. — Abri um sorriso tímido antes de repetir a fala dele sobre Babs. — *Ainda.*

O negócio é que, mais tarde, fui para casa e procurei pelo nome Kubaba. E agora entendo o policial Hayashi o bastante para saber que ele vai ser legal comigo.

— Oi! — digo, me aproximando de sua mesa. Ele está concentrado, fazendo palavras-cruzadas com caneta azul. — Lembra de mim? Sou a Vivi, a garota que acusou sua cachorra de ser uma fora da lei.

Ele se vira para mim, me estudando como se eu estivesse tentando enganá-lo.

— Lembro.

— Kubaba — digo. — A única mulher a reinar sobre a Suméria.

Um sorriso surgiu em seu rosto.

— Então você pesquisou.

Em um mundo de pastores-alemães treinados para rasgar gargantas de criminosos, ele havia nomeado sua rainha pelo que era: uma igual.

— Posso sentar com você?

O policial observa ao redor, procurando outro lugar vago para me despachar. Continuo sorrindo, simpática, esperando que ele ceda. Cedo ou tarde, todo mundo cede. Ele volta a me encarar.

— Claro. Se disser as palavrinhas mágicas.

Humpf. Não importa quão educada você seja, os mais velhos sempre querem ouvir um “por favor”. Mas eu apenas sento à frente dele e largo a bolsa no chão ao meu lado.

E o bom policial não sabe o que fazer comigo.

— Tem certeza de que nunca foi presa? — ele pergunta. — Você parece bem esse tipo. Não liga para convenções sociais.

Levo a mão ao peito, fingindo estar chocada.

— De jeito nenhum!

Pressiono os lábios, segurando um sorriso. Mesmo se eu fosse pega entalhando a árvore, Hayashi tem coração mole. Quando ele volta às palavras-cruzadas, abro meu caderno na página em que estava trabalhando ontem à noite. Minha palavra-inspiração está rabiscada no topo, me provocando. Para representar *wabi-sabi*, tinha pensado em desenhar um vestido de festa rosa, de seda crua desfiada na barra. Mas me deixei levar, e agora é uma garota usando ramos de flores de cerejeira, as pétalas cor-de-rosa voando como se ela girasse.

Recomeço na página ao lado, lançando olhares ocasionais a meu companheiro de mesa. Quando não sabe uma resposta, Hayashi morde a tampa da caneta e franze a testa, como se tentasse intimidar o jornal para lhe dar a resposta.

— E aí, querida? — Betty diz, servindo café na minha xícara. Tomo porque o gosto me agrada, já que cafeína é a última coisa de que preciso. Faço a maior parte das coisas na vida pelo prazer, não pela necessidade. — Vai querer waffles?

Na minha primeira manhã aqui, pedi o primeiro item do cardápio — omelete clássico —, então decidi experimentar tudo, seguindo a ordem. Já passei por todos os omeletes.

— Sim, por favor! Deve ser maravilhoso!

— Aqui está, Pete. — Ela deixa um prato na frente do policial. Ovos com bacon e torradas. *Hum*. Ainda não cheguei a essa coluna do cardápio.

— Então. — Hayashi pega o garfo. — Qual é a desse visual Marilyn Monroe?

Toco meus cachinhos.

— Não é um visual Marilyn Monroe. É um visual *Vivi*.

Ele revira a comida, sem prestar muita atenção.

— Certo.

Sério, por que uma garota não pode fazer algo só por fazer? Engordei um pouco nos últimos meses, as curvas são algo novo para mim. Então pensei: *Por que não pintar o cabelo de loiro platinado e cortar chanel?* Foi o que fiz, e fiz também um permanente em casa para deixá-lo cacheado. A verdade é que não sei nada sobre a Marilyn. Mas ela estava certa sobre aquele cabelo curto e enrolado. Gosto dos cachinhos. Fica divertido, leve, e parece que estou pronta para dançar com as criaturas da floresta caso me convidem. E, como já estava com o cabelo igual ao da Marilyn, achei que não faria mal passar batom e esmalte vermelhos.

Li que os animais podem usar cores para se misturar aos outros, se proteger ou enviar sinais a um predador ou possível parceiro sexual. Rá! Talvez meu cabelo platinado, meus lábios vermelhos e minhas bochechas rosadas sirvam para tudo isso. Ou talvez eu só ache legal.

Quando os waffles chegam, deixo o caderno de lado e mando ver. E *nossa!* É o paraíso do carboidrato: dourado, amanteigado e coberto de açúcar.

Hayashi aproveita para espiar meu caderno. Ele usa um pedaço de torrada para pegar a gema dos ovos que sobrou.

— *Wabi-sabi*. Você sabe o que significa?

— Até onde sei — digo, tentando soar acadêmica —, é intraduzível. *Wabi* pode ser rústico, cru, fugaz. *Sabi* é... desbotado. Ou desbotando. Velho. Juntos, acho que significam algo como ver beleza na simplicidade e na natureza. Em momentos passageiros e até nos decadentes.

Ele termina de tomar o café.

— Onde aprendeu isso?

— Com uma amiga. — Ainda posso chamar Ruby de amiga? Sua imagem invade minha mente, seu batom pink, seu cabelo preto com franja. Estou cansada de sentir falta dela e de toda a sua família. — A mãe dela fez uma exposição multimídia enorme ano passado. Misturava a estética japonesa com que cresceu e a estética ocidental que estudou na faculdade.

Antes que ele possa dizer alguma coisa, suspiro, apontando para o vestido de flores de cerejeira.

— Estou tentando traduzir o conceito em uma roupa, mas não sei se consigo aplicar meu estilo pessoal nisso. Gosto de moda inventiva, corajosa. Tenho a impressão de que, quando finalmente for para o Japão, vou curtir um estilo mais urbano. Você já foi pra lá?

— Não. Mas... — Ele hesita, enquanto pega o dinheiro na carteira. — Sempre quis conhecer o Kinkaku-ji.

— O Templo do Pavilhão Dourado?

Ele assente.

— Minha mãe sempre falava dele.

— E por que nunca foi?

— Ah, sabe como é. É a vida.

Depois disso, ele enfiou um boné gasto na cabeça e foi embora sem dizer mais nada.

Também preciso ir em breve, porque tenho uma última parada na minha rotina matinal antes de ir para o trabalho.

Verona Cove está acima do nível do mar. Se você anda na direção oeste por qualquer rua da cidade, acaba chegando nas falésias. Algumas delas dão diretamente no mar, mas outras encontram a areia. Acho que imaginava a costa da Califórnia cheia de surfistas e com uma sequência de guarda-sóis coloridos. Mas é muito silencioso, exceto pelo barulho das águas e dos pássaros. Encaro o penhasco com a névoa sobre o oceano à minha frente e, mesmo depois de uma semana, fico impressionada. A natureza faz com que os melhores arquitetos, designers e artistas pareçam amadores. Tenho muita sorte de ser testemunha do céu azul, da espuma das ondas e da terra íngreme sob meus pés.

Já previa os pássaros que se aproximam de mim, por isso trouxe migalhas dos waffles do café da manhã. Eles se deleitam enquanto procuro pelo motivo da minha vinda na minha bolsa. Carrego dois frascos laranjas comigo, e preciso descobrir qual é o certo.

As pílulas são macias ao toque. Pego uma na mão e a aperto, porque aprendi que devemos nos mostrar fortes frente ao pequeno peso de uma pílula. Estendo o braço para a frente e a solto.

O remédio mergulha no precipício, e eu imagino o mais fraco *plim* quando cai no mar. Talvez um peixe o encontre e o engula com um monte de água. Se estiver passando por

uma montanha-russa emocional, vai até se sentir melhor. De nada, cara.

Dou as costas para o Pacífico e começo a caminhar para a loja de cerâmica. Não consigo pensar em um trabalho de férias melhor. Não preciso usar uniforme e posso assistir outra pessoa fazendo sua arte, o que me dá certo prazer voyeurístico, esse vislumbre em uma alma desnudada. É mágico, garanto. Mágico.

Tive sorte de conseguir o emprego. No meu segundo dia em Verona Cove, sentei no banco do lado de fora, esperando me distrair por um tempo quando a loja abrisse. Quando a dona apareceu — uma hora depois do horário previsto —, eu já tinha trabalhado bastante nos meus desenhos de vestidos. Whitney tem a melhor energia e os cachos mais bonitos que já vi — milhares deles, bem enroladinhos. Eu não conseguia parar de olhar para o cabelo dela e pensar que Deus devia ter criado aqueles cachinhos com um babyliiss. Ela pediu mil desculpas, dizendo que tinha ficado até tarde trabalhando nas cerâmicas e acabou perdendo a hora.

Ficamos ali por uma hora, eu pintando uma tigela para minha mãe e Whitney organizando as tintas seguindo a ordem das cores do arco-íris. Ela não parava de se desculpar, mas expliquei que não havia necessidade, porque o sono e eu não nos dávamos muito bem de qualquer jeito. Whitney brincou que talvez eu devesse trabalhar na loja pela manhã para que ela pudesse dormir até mais tarde sossegada. “Na verdade”, eu disse, “estou procurando um emprego.” Então ela parou de rir e perguntou se eu estava falando sério, avisando que só

podia pagar um salário mínimo. E você deve imaginar qual foi a minha resposta, porque aqui estou eu, procurando pela chave da loja na bolsa.

Quando entro na High Street, vejo que uma menininha de tênis cor-de-rosa e um garoto de cabelo escuro, provavelmente da minha idade, estão sentados no banco em frente à loja. Mesmo à distância, posso dizer que o visual do garoto não é uma questão de estilo, mas de falta de corte de cabelo — meio emaranhado, começando a encaracolar. É um cabelo incrível, e gostaria que o meu fosse igual, porque eu nunca ia cortá-lo, tingi-lo ou fazer qualquer coisa para mudá-lo.

À medida que me aproximo, vejo que a menininha balança as pernas enquanto conversam. Ele deve ter dezessete ou dezoito anos, portanto é jovem demais para ser pai dela, mas quase passa a impressão de que *poderia* ser pai de alguém. Talvez por causa das olheiras. Ou por causa da calça cáqui e da camiseta azul-marinho com um bolso do lado esquerdo. Não é uma roupa descolada ou brega, só é prática. Tudo nele indica que é ocupado demais para perceber como é bonitinho.

— Bom dia! — digo.

Os dois me encaram como se eu fosse um personagem de desenho animado ganhando vida.

— Oi.

O garoto levanta de repente, e a menininha o imita.

— Vieram pintar?

— Isso — ele diz, e ela balança a cabeça em concordância.

— Bom, podem entrar.

Faço sinal com uma mão enquanto ainda procuro a chave

com a outra e dou meu melhor sorriso para incentivá-los a falar. Não gosto de silêncio; simplesmente não combina comigo. Prefiro falar sozinha a rastejar pelas trincheiras de um vazio desconfortável. Como não sei o que mais posso dizer, minha mente se volta às atividades matutinas e à companhia do café da manhã.

— Vocês moram aqui ou estão só passando as férias?

Seguro a porta aberta para que os dois possam entrar.

Ele pigarreja.

— Moramos aqui.

— Ah, que demais. — A porta se fecha atrás de nós. Guardo a bolsa no balcão. — Sabem se a polícia daqui é rígida? Tipo, com quem tem ficha limpa. Talvez alguém que, bom, tenha se expressado de forma não autorizada numa árvore. Estou perguntando pra uma amiga, claro.

2

JONAH

VOU MATAR MEU DESPERTADOR QUALQUER DIA DESSES. Não uso o do celular porque ia acabar atirando o aparelho pela janela. Toda manhã, quando o despertador toca, flambo aquela porcaria mentalmente. Em uma panela gigante. E dou risada enquanto o despertador derrete. Nas raras manhãs em que me sinto mais disposto, fantasio um imponente funeral viking para ele. Que logo começa a berrar de novo.

Meus pés se arrastam escada abaixo. Preciso. De. Café. Depois vou tomar banho, botar a roupa para lavar, tirar a louça da máquina e ir para o trabalho. Só que antes de poder fazer qualquer uma dessas coisas, sou recebido por alguém pulando na cozinha.

— Jonah! É hoje, é hoje, é hoje!

Os pés de Leah atingem o chão de linóleo a cada sílaba. Ela já está vestida com seus tênis cor-de-rosa. Eu tinha onze